

MEMÓRIAS EMBALADAS EM RITMOS E SAUDADES: NARRATIVAS E ORALIDADES SOBRE OS BAILES DO PALANQUE EM UMBUZEIRO-PB

Tatiane Vieira da Silva¹
tatianevs13@gmail.com

Simpósio Temático: História, Memória e Oralidade

Resumo: A comunicação proposta tem por escopo abordar os bailes públicos que aconteciam no palanque da cidade de Umbuzeiro-PB, tomando-os como uma forma peculiar de apropriação da urbe. Destarte, objetivamos fazer uma concisa leitura da mesma, a partir dos relatos orais de memória referentes ao uso de um determinado ambiente público e de uma prática festiva social, os chamados “Bailes do Palanque”. Estes, por sua vez, ocorriam geralmente aos domingos ou em ocasiões específicas após algum outro evento. Embora o palanque estivesse localizado em um logradouro público e de fácil acesso a todos, os bailes que nele aconteciam eram especialmente frequentados por uma significativa parcela da elite social cidadina. Contudo, é nesse recinto que intencionamos revisitar os sentidos e desejos que inserem o lazer nos processos que delimitam espaços na cidade, bem como, produzem sociabilidades diversas, ensejam usos variados e promovem comportamentos e identificações culturais específicas.

Palavras-Chave: Umbuzeiro, lazer, oralidade.

ABSTRACT: The communication proposal seeks to address the public dances that happened in the platform of city of Umbuzeiro-PB, taking them as a peculiar form of ownership of the city. In this way, we aim to make a concise reading of the same, from the verbal reports of memory regarding the use of a public environment and of a practical social festive, the so-called "Bailes do Palanque". These, in turn, usually occurred on Sundays or on specific occasions after some other event. Although the platform was located on a public local with easy access to all, the dances that raged were particularly frequented by a significant portion of the social elite from the city. However, it is in this place that we look for revisit the senses and desires that insure the leisure in processes that, at one time, delimit spaces in the city,

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande-PB e Bacharel em Direito pela Faculdade Escrito Osman da Costa Lins, de Vitória de Santo Antão-PE. É Mestranda vinculada a Linha de Pesquisa “Cultura e Cidades”, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

produce various sociability's, foster uses varied and promote behaviors and cultural labels specific.

Keywords: Umbuzeiro, leisure, orality.

Algumas considerações introdutórias

Ao longo dos séculos, a cidade foi pensada e sentida por cronistas, romancistas, poetas, teólogos, arquitetos e filósofos. Eram muitas as indagações acerca do fenômeno urbano. Contudo, a partir do século XIX e sendo intensificada no século XX, começam a surgir cada vez mais pensadores da sociedade preocupados em tentar entender as especificidades do “viver urbano”, a complexidade de suas relações, ocupações e mutações (BARROS, 2012).

Atualmente o campo de estudo que toma a cidade enquanto objeto de pesquisa e reflexão, tem sido ampliado largamente, permitindo que a urbe: complexa, plural e multifacetada, seja vista e se deixe ver e ler sob diversos prismas. Desse modo, consideramos que além da História, nela também operam várias disciplinas: antropologia, economia, geografia, sociologia e urbanismo. Sendo, pois, um campo de pesquisa interdisciplinar.

Destarte, para compormos uma história dos bailes do palanque em Umbuzeiro, seguiremos pelas sendas da História Cultural. A qual, entre aproximações e distanciamentos com outras ciências, ampliou bastante o leque de objetos possíveis de serem estudados e através de sua abordagem, a cidade deixou de ser vista apenas pelo âmbito econômico-social e passou a ser problematizada em todos os seus aspectos, conforme assinala Pesavento (2003, p. 77-78):

Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. O imaginário urbano, como todo imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações urbanas.

No contexto dessas várias possibilidades de abordagem urbana, se insere a pesquisa aqui apresentada, tendo em vista a possibilidade de tecer a leitura da cidade de Umbuzeiro através de suas memórias e representações. Nesse aspecto, o conceito de “representação”

torna-se essencial para se construir a ideia de “como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2010, p. 43).

Assim, urbe se transforma em palco para várias formas de abordagem, sendo objeto de múltiplos olhares, leituras e escritas. Do mesmo modo, a leitura desta urbe se faz possível, uma vez que, segundo Barros (2012, p. 45), “a cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos [...]” e assim ela “também fala aos seus habitantes e aos seus visitantes através dos nomes próprios que ela abriga: dos nomes de ruas, de edifícios, de monumentos”. Para este autor, na abordagem sobre a cidade não basta “apenas inventariar os lugares”, mas também “analisar as maneiras de se apropriar dos lugares”.

Partindo do pressuposto de que cotidianamente o espaço urbano é esgarçado por diversas mutações e superposições. O emaranhado de experiências vivenciadas, experimentadas e sentidas pelos umbuzeirenses que participaram daqueles bailes, faz-se mister a este trabalho. Uma vez que intencionamos revisitar algumas memórias e vivências cotidianas, sobre as formas de apropriação que se manifestavam acerca de um momento festivo e espaço de lazer, que já não se reproduz, considerando que:

[...] essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no tempo do agora, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (PESAVENTO, 2007, p. 16)

Assim, estudar e compreender essas nuances, permite-nos adentrar nas subjetividades que compõem as diversas apropriações feitas dos espaços urbanos. Portanto, para a confecção deste artigo, tomaremos como ponto de partida o aporte teórico que tem a cidade como objeto de estudo e reflexão. Dialogaremos, principalmente, com os autores que a entendem enquanto espaço onde se desenvolvem sociabilidades e lugar subjetivado simbolicamente pelas múltiplas apropriações que fazem seus moradores.

Para tanto, recorreremos ao diálogo com a História oral e através dos relatos orais de memória, obtidos por meio de entrevistas e que nos servirão de embasamento, teceremos as representações e memórias existentes sobre a referida urbe. Considerando que, “o trabalho

com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação” (ALBERTI, 2011, p. 167). Uma vez que, a memória enquanto,

[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 09)

Ou seja, a memória se revela importante para um determinado grupo porque ela consiste em elemento essencial de unidade para a construção da identidade do mesmo. Contudo, a referência ao passado mediante uso dos relatos orais, nos permite verificar que existe uma multiplicidade de memórias, ora consonantes ou dissonantes, ora completares ou imbricadas. Mas que, desse modo, permitem ao historiador poder estudar a constituição dessas memórias e suas formas de representação sobre determinados aspectos do passado.

Com efeito, a memória é a principal fonte da pesquisa oral, estabelecendo infinitas possibilidades e múltiplas variáveis. Portanto: “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2011, p. 155).

Assim, a história oral possibilita resgatar, repensar e reconstruir o passado sob um olhar atualizado, cuja particularidade “decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 2004, p. 23).

Nesse sentido, a oralidade se faz um método rico para a realização dessa pesquisa contribuindo para a produção do conhecimento histórico, por favorecer a essa multiplicidade de possibilidades de relatos individuais e coletivos durante as entrevistas realizadas. Pois que:

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (BOSI, 2003, p.15)

Portanto, enveredados pelos relatos orais de memória, bem como, os tomando em contraponto com o cruzamento de outras fontes, conseguimos extrair informações valiosas e relevantes para o estudo da cidade de Umbuzeiro. A qual se dá a partir das subjetividades, das maneiras de fazer, de representar a cidade e dos sentimentos de pertença revelado pelos

citadinos em suas narrativas. Tudo isso, nos permitiu traçar um breve panorama de um determinado espaço festivo de lazer, que nela se desenvolveu entre os anos de 1930 a 1960 e que ficou conhecido como os “Bailes do Palanque”.

Os bailes do palanque nas memórias urbanas

*Quando começam a dançar o beguine
Traz de volta o som de uma música tão terna
Traz de volta uma noite de esplendor tropical
Traz uma memória perene*

*Estou com você mais uma vez sob as estrelas
E descendo a costa
Uma orquestra está tocando
E mesmo as palmeiras parecem estar balançando
Quando começam a dançar o beguine*

*Viver novamente é passar todo o esforço
Exceto quando essa música agarra o meu coração
E lá estamos nós jurando o amor eterno
E prometer nunca, nunca partir...²*

Aos domingos a cidade agita-se e diverte-se. É o dia em que a interiorana urbe da Paraíba se enche de alegria. O momento em que se realizam os afamados “Bailes do Palanque”, a festa tão esperada pelos citadinos não só desta, como também das cidades circunvizinhas.

Ao anoitecer, Umbuzeiro se veste em festa e regozijo. As moças preparam penteados fixados com laquê e usam vestidos rodados cheios de anáguas. Por sua vez, os rapazes capricham na brilhantina, no paletó e gravata. Ambos se dirigem para a Praça da Bandeira e nesta se acomodam ao redor do palanque que encontra-se em seu centro.

Embalados ao som de músicas como a da epígrafe, os casais colam os rostos e se deixam levar pela euforia do momento. Foi cantando essa canção que nossa depoente recordou e nos contou sobre os “bons tempos” dos bailes do palanque. A festividade que agitou a cidade por quase três décadas.

O espaço de lazer que se tornou o salão de danças da cidade, havia sido construído em meados do ano de 1937, a pedido do então prefeito Carlos Pessoa. O palanque fazia parte

² Tradução da música “Begin The Beguine” do compositor Cole Porter. A palavra “beguine” se refere a um ritmo de rumba lenta muito cantado na década de 40. Esta foi uma das músicas que fizeram sucesso nos palcos dos bailes do palanque. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/dionne-warwick/begin-the-beguine-traducao.html#ixzz3HpM8SFsE>. Acesso em 01/10/2014.

de um conjunto de obras que, a princípio visava embelezar e dar vida a cidade. Algo que foi bastante noticiado nas páginas do Jornal “A Imprensa” e que contribuiu sensivelmente para a promoção política do chefe do executivo municipal³.

Ao revisitar suas memórias, dona Mariza nos relata com orgulho que seu pai foi o responsável pela execução da bela obra:

O Palanque era a coisa mais linda do mundo! O palanque foi meu pai que construiu com os pedreiros. Muita gente dizia que meu pai era um engenheiro sem anel. Meu pai era pedreiro. Depois de vários anos, muitos anos depois, resolveram derrubar o palanque e fazer um bar⁴.

Suas lembranças são povoadas por sentimentos e ressentimentos simultaneamente. Ao mesmo tempo que se orgulha por seu pai ter sido o construtor do palanque, parece não se conformar com o destino final deste, demolido em meados da década de 1970. Portanto, guarda como relíquia uma fotografia do palanque feita logo após sua construção, deixada por seu genitor e produzida a seu pedido. Esta fotografia é também uma das poucas que existem na cidade. Vejamos.

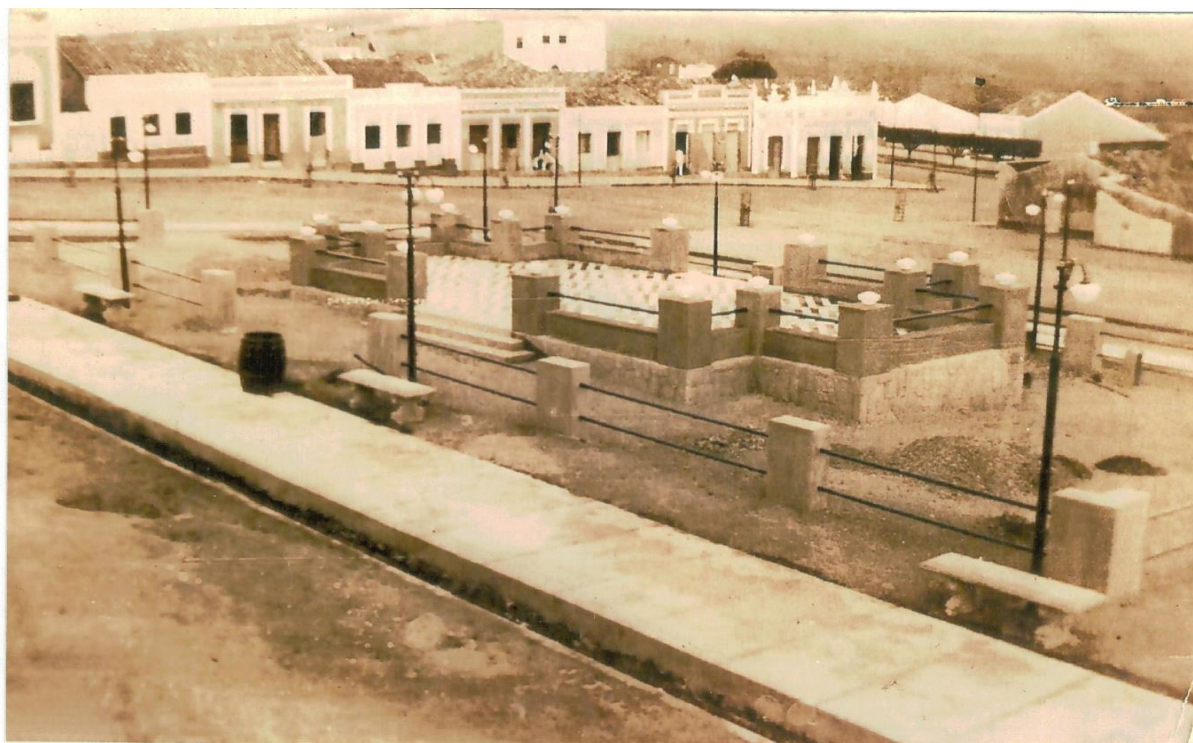


Figura 01: Palanque após a conclusão de sua obra.

Fonte: Acervo de Mariza Rodrigues.

³ Consoante nos indica o Jornal paraibano “A Imprensa” em reportagem do dia 30 de abril de 1938, p. 04, o palanque foi uma das obras executadas pelo prefeito Carlos Pessoa.

⁴ Entrevista realizada com Mariza Rodrigues e concedida à autora em 14 de maio de 2014.

A fotografia apresentada nos serve como um dos vieses que nos permite acessar o espaço do palanque enquanto um “lugar de memória”. Um lugar que insiste em não cair no esquecimento e que se mantém nas lembranças daqueles que vivenciaram e experimentaram aquele espaço festivo. Nesse sentido, consideramos que aqui foi instituído um “lugar de memória”, consoante acepção de Pierre Nora, que se solidificou nas lembranças de um determinado grupo social desta cidade. E isso ocorre porque a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 09). Portanto, as lembranças do palanque ainda são evidenciadas, embora este já não exista mais.

O palco para os bailes e apresentações de orquestras que aconteciam em seu cerne foi assim descrito:

Todo cheio de pilar com cano e globo [...], em frente aqui eram canteiros de bem-casado, aí na cabeça do canteiro tinha um pezinho de fícus. [...] Era arrodado, agora antes de você entrar no palanque tinha uns pés de fícus e um balão. Era lindo e o palanque, era todo arrodado de cano e os pilares com globo também, era lindo!⁵

Antes mesmo de seduzir pelos bailes que sediava, o palanque parecia encantar também por sua beleza. Alguns detalhes apontados neste relato oral de memória podem ser observados a partir da fotografia que segue.



Figura 02: Palanque da Praça da Bandeira. Fotografia editada pela autora.
Fonte: IBGE/1960.

⁵ Entrevista realizada com Eurides Lira e concedida à autora em 04 de outubro de 2013.

Do mesmo modo, as vicissitudes a respeito das características deste espaço de lazer, são também revisitadas por outras depoentes em suas memórias.

O palanque era um prédio belíssimo, [...] que tinha muitas lâmpadas, todo aquele globo bonito, tudo embutido. E a luminária lá em cima era muito bonita também então eram todos acesos nos domingos.
[...] tinha os pilares, muito bonito ao redor dele, do tamanho que era ele era o pilar. Era iluminado, era muito bonito, custou uma fortuna, mas era lindo, acabaram com o palanque⁶.

A riqueza de detalhes aqui narrado, revela o quanto o baile do palanque marcou a juventude e até mesmo a infância de alguns moradores desta cidade. E por isso, adquiriu um espaço reservado nas lembranças destas pessoas. Pois, mesmo diante da inexistência material do palanque e ainda que tenha transcorrido aproximadamente quatro décadas de sua demolição, as pessoas conseguem descrever suas formas minuciosamente e concebem enquanto objeto de memória materializado as escassas fotografias do palanque que lhes restaram, conforme nos indicam o relato abaixo.

No meio eram danças, era... Aí isso aqui tudo eram bancos, tinha uns globos bonitos... Isso aí era em cima dos pilares, era lindo.
Era muito bonito o palanque de Umbuzeiro.
Os pés de fícus eram aqui nessa praça. Lá também tinha redondinho, sabe?
Ao redor assim tinha.
Esse piso era um piso que veio não sei de onde [...] Era tipo mosaico desenhado, né? Era muito bonito⁷.

Diante disso, podemos inferir que existe nestas palavras um acentuado saudosismo com relação ao este espaço de lazer. Já que, em sua grande maioria, as recordações são permeadas de uma latente nostalgia.

Por ser Umbuzeiro uma cidade interiorana e desprovida da variedade de atrativos culturais dos grandes centros urbanos, os umbuzeirenses tiveram que satisfazer boa parte de seus momentos de lazer ao redor do palanque. Foi neste recinto que uma determinada parcela da juventude umbuzeirense se divertiu por muitos anos, geralmente nos dias de domingos. Era um ambiente de sociabilidades, paqueras e namoros.

Segundo os relatos de dona Eurides, uma antiga frequentadora daqueles bailes, o espaço onde estava localizado o palanque era bastante notório e chamava a atenção de todos que por Umbuzeiro passavam ou visitavam. Segundo ela, era considerado “a sala de visitas da cidade”. Sendo também o ambiente que marcou significativamente sua trajetória de vida: “Lá

⁶ Entrevista realizada com Íris Travassos e concedida à autora em 30 de janeiro de 2014.

⁷ Entrevista realizada com Mariza Rodrigues e concedida à autora em 14 de maio de 2014.

a gente ia dançar, ia namorar, ia brincar. Era o Palanque, a mocidade da gente! Era no centro da cidade”.

Ao cair das noites de domingo, a cidade entrava em êxtase. No salão do palanque a festa era animada por uma orquestra, composta por instrumentos metálicos. Ali, “os pares rodopiavam, embalados pelo vento frio que assanhava o penteado dos dançarinos, envolvidos pelo som de músicas românticas ou buliçosas” (GOMES, 1995, p. 141).

No intuito de atender o gosto musical do público dominical frequentador daquele lugar, eram tocadas as principais melodias da época, aquelas que estavam nas “paradas do sucesso” do momento. Ouvia-se tanto as de cunho nacional: “Rosa” e “Samba Rasgado”, como também as internacionais: “Beguin the Beguine” e “C’est si Bon”.

Embora o palanque estivesse localizado no logradouro público da Praça da Bandeira, aquele espaço de lazer não era acessível ao público de modo geral. Ao contrário, era também um lugar de exclusão. A qual se iniciava pelas roupas com que trajavam aqueles que ali iam buscar diversão. É o que nos revela do Íris:

A gente ficou com muito desgosto uma vez, porque um amigo nosso de Campina Grande, hospedado aqui em casa, [...] não era acostumado a usar gravata. Então ele foi com a gente, quando foi na hora [...] não entrou, porque não tava com gravata.

Não podia dançar naquele recinto, tinha que ir bem uniformizado com gravata. [...] roupa decente, o homem só tá bem vestido se for calça, camisa, paletó e gravata. Naquele tempo se usava muito colete, homem ainda hoje usa nas grandes festividades, pois aqui era assim, tinha que estar bem vestido.

Aos poucos os frequentadores foram restringindo o acesso do público “indesejável” naquele espaço e criaram uma carteirinha de sócio do palanque. Desde então, só dançava naquele salão os sócios e seus respectivos convidados. Desde que atendessem as exigências daquele espaço que pretendia ser um “ambiente familiar”. Aqueles que tentavam infringir as regras eram convidados pelo guarda a se retirar do salão. Dona Íris relata estes códigos sociais da seguinte forma:

Mulher que não fosse casada não tirava [não entrava no palanque para dançar], moça desmantelada também não tirava, tinha guarda e safa. Então dançava rapaz com moça, tudo com muita decência, muitas vezes até onze horas.

Ele foi muito bem organizado, muito bem respeitado, [...] porque era um ambiente familiar.

Paulatinamente, outros espaços de entretenimento foram sendo estabelecidos em Umbuzeiro e isso possibilitou novas alternativas para os cidadãos. A exemplo das

agregações esportivas dos bairros locais: Umbuzeiro Sport Club, Estrela Futebol Clube e Lagoa Futebol Clube. Mais tarde, a partir destas agregações, foram criados os clubes “Ais de Ouro” e “Umbuzeiro Futebol Clube”, que se revelaram uma nova opção recreativa para a vida social da cidade. Ainda assim, os bailes do palanque eram a maior atratividade.

A instalação de um alto-falante próximo ao palanque, deu um sabor especial às funções sociais do lazer na ambiência citadina naqueles idos de 1937⁸. O aparelho se transformou num atrativo adicional para a cidade. Lembra dona Gladys que:

Antigamente meu pai e minha e mãe, contavam que se lembravam que eles botavam um serviço de som dentro do mercado, que é vizinho, e uma boca de alto-falante no palanque. Ficavam passando música e os casais dançando lá embaixo no palanque, na época do verão. Disse que ia até não sei que horas, enquanto o motor tava trabalhando. Naquele tempo era luz de motor, ia até onze horas da noite, dez e meia dava um aviso e as luzes se apagavam.

Do mesmo modo, dona Mariza indica que: “tinha um alto-falante, que passava gravação de um programa... Os namorados passavam gravando para as namoradas. Tinha essas coisas de interior que era boa, entendeu?”.

Mesmo aqueles que ainda não podiam participar do baile à noite, devido à pouca idade, arrumavam um “jeitinho” de adentrar naquele espaço sempre que possível, como nos relatou dona Mariza:

A gente não ia para os bailes porque nessa época ‘de menor’ não entrava em baile, não entrava em história de dança. Mas época de festa a gente passeava ao redor, assim, tudo mocinha nova, sentava nos bancos pra comer confeito, essas besteiras de festa, sabe?

Por várias vezes o palanque também foi palco das travessuras de criança. Estas, por muitas vezes driblavam o segurança durante a tarde. É o que verificamos no relato de dona Íris: “tinha um alto-falante aqui e quando tava funcionando a gente entrava e dançava [...] toda festa era feita lá e tinha semana que o alto falante tava tocando e a gente tava dançando, brincando dentro [do palanque]. Ah! molecagem... [risos] a gente chamava a molecagem!”. Do mesmo modo, dona Gladys relembra com profundas saudades aqueles momentos de infância.

Todo dia de tarde, quando eu era criança, eu ia brincar lá. Era minha alegria, mamãe dava banho, trocava de roupa. A gente brincava lá, a gente chamava de palanque. Dizíamos: “Vamos brincar no palanque”. Ele era como a calçada daquele mosaico antiderrapante, e era jardinado. Todo bem tratado com aqueles que o povo chama bem-casado, que tem uma florzinha

⁸ O Jornal “A Imprensa”, João Pessoa-PB, 18 de Abril de 1937, noticiou a respeito das realizações da Prefeitura Municipal de Umbuzeiro. Dentre elas, temos a instalação do alto-falante juntamente com o serviço de rádio difusão local.

vermelha. A gente tirava as florzinhas e pregava nas orelhas porque ela segurava...⁹

Destarte, podemos avaliar o uso do espaço citadino da Praça da Bandeira em sua dimensão simbólica. Uma vez que estes “espaços simbólicos costumam ser reconhecidos graças à importância que têm, tanto para a memória coletiva da cidade quanto para a vida pessoal, mesmo quando a população não se dá conta disso” (LEITÃO, 2002, p.27)

Portanto, consideramos que os bailes do palanque ganharam uma relevante dimensão simbólica enquanto marco representativo de uma época e de uma dada sociedade. A qual, foi marcada pelas diversas formas de sociabilidades desenvolvidas.

Considerações finais

No final dos anos 60 o palanque foi demolido a pedido do prefeito da cidade, o que entristeceu demasiadamente seus usuários naquela ocasião. Principalmente, o homem que um dia foi o responsável por sua construção. É o que nos relata dona Mariza na seguinte passagem:

Papai quando chegou da estação, eu disse: “Papai, tenho uma novidade para o senhor”.

Ele disse: “o que é?”

Eu disse: “vão derrubar o palanque.”

Ele levantou-se da mesa, foi aí em Seu Alcides e disse: “Alcides, que história é essa que vão derrubar o palanque?”

Ele disse: “Não, porque vem um engenheiro aí, e vai fazer não sei o que, não sei o que...”

Eu vi meu pai chorando naquela mesa ali [aponta para o local].

Aí derrubaram e fizeram uma porcaria de um bar e um dance. Aí fizeram assim, tipo uma piscina embaixo com uma rampa, aí terminou naquele prédio que é o Banco do Brasil hoje.

Nas entrelinhas destas comoventes palavras, percebe-se a insatisfação com a destruição do palanque. Do mesmo modo relata dona Íris que “foi uma revolta geral aqui em Umbuzeiro”. Demoliram o palanque para dar lugar a “um bar coberto, uma casa com um comércio qualquer”.

A antiga Praça da Bandeira, sede do palanque, também mudou de nome. Em 1970 recebeu o busto do empresário e jornalista Assis Chateaubriand e por extensão, foi batizada com seu nome. No espaço ocupado anteriormente pelo palanque, encontra-se atualmente a Agência do Banco do Brasil de Umbuzeiro.

⁹ Entrevista realizada com Gladys Duarte e concedida à autora em 19 de março de 2014.

O palanque foi transformado em lugar simbólico, o qual, só pode ser acessado por meio da memória. Hoje, só restam saudades e lembranças dos bons tempos em que ocorriam os bailes. Ainda hoje, nas ruas da cidade, se comenta esses momentos com intensas saudades. (GOMES, 1995).

Ao relembrar momentos remotos de suas respectivas infâncias e juventudes, nossas depoentes deixaram pistas sobre suas representações e sensibilidades acerca de suas experiências na cidade. Também, a nostalgia destes relatos deixam transparecer um sentimento de saudade daquele espaço e das práticas sociais de diversão vivenciadas na mocidade. As quais, conseqüentemente deixaram de fazer parte de suas vidas na presente maturidade.

Tal aspecto também se mostra relevante, na medida em que, por meio destas narrativas, encontramos um viés para acessarmos as formas como estas mulheres se percebem enquanto sujeitos históricos por intermédio de suas experiências e memórias.

Portanto, tomamos estes bailes públicos, que aconteciam em Umbuzeiro, como uma das formas peculiares de apropriação da urbe. A partir deles, revisitamos sentidos e desejos que inserem o lazer nos processos que delimitam espaços na cidade, bem como, produzem sociabilidades diversas, ensejam usos variados e promovem comportamentos e identificações culturais específicas. Tudo isso foi possível mediante a avaliação dos relatos orais de memória, indispensáveis nesta pesquisa para captarmos os diferentes usos do espaço citadino estudado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

_____. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRADE, Joel Carlos de Souza et al (Org.). **Cultura e Cidades**. Campina Grande: EDUFPG, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANNI, Maria Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcus César de (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 237-238.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FOUCAULT, Michel. Espaço e Poder. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Cidades**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 139-146, 1994.

GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos**: Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XVII. Rio de Janeiro, edição do IBGE, 1960, p. 413 - 416,

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-153.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros: USP**, São Paulo, v.34, p. 9-24, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007a.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S.l.] 05 jan 2007b. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/3212>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (Dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137.

SCOCUGLIA, J. B. C. (Org.). **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.